

A direita proletária

Violentos, com cabeças raspadas ou cabelos espetados, jovens brasileiros se unem em grupos neonazistas, refletindo o fenômeno que vem ocorrendo na Europa

José Messias Xavier

“**O**s imundos querem dominar o mundo com o poder de suas armas, sob a sua estrela maldita. Fanáticos religiosos, assassinos malditos, filhos de Israel, eu quero matá-los.” Esta música estourou no *under ground* paulista nos anos 80. Seus autores são os integrantes da banda Garotos Podres, que conseguiu obter um êxito de vendas suficiente para reunir suas obras em um LP. Eles são Carecas, a versão tupiniquim dos violentos *skinheads* europeus, uma tribo urbana formada, fundamentalmente, por jovens operários, que passam o tempo de folga espancando judeus, mestiços e negros em geral.

No Brasil, os Carecas ganharam as páginas dos jornais a partir de 1977, quando a imprensa começou a detectar um novo tipo de comportamento na periferia dos grandes centros urbanos. Ao lado dos *punks*, eles passaram a compor a fauna das metrópoles se destacando pelo visual exótico, onde se ressaltam símbolos nazistas, como a suástica e a Cruz de Ferro – condecoração dos soldados alemães na Segunda Guerra –, e militares, como o coturno e a calça de campanha das Forças Armadas. Outra característica fundamental dos Carecas, como o próprio nome do movimento diz, é a cabeça raspada de seus integrantes.

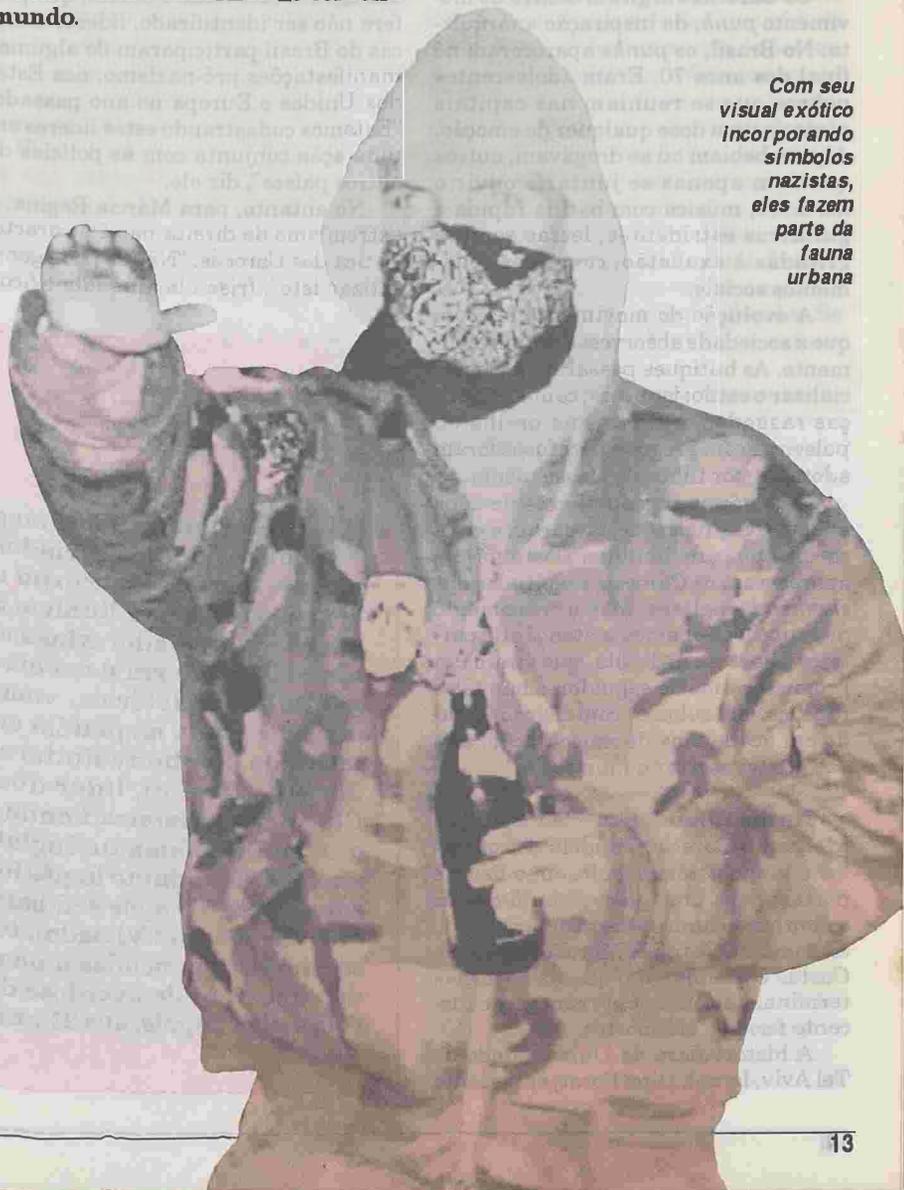
Para entender a forma de organização política dos Carecas no Brasil, a antropóloga Márcia Regina da Costa, da PUC-SP, passou um ano convivendo com os vários grupos que tomaram a frente do movimento, além de reunir documentos, como recortes de jornais e *fanazines* (publicações de membros do grupo). O resultado desta pesquisa chega agora às livrarias sob o título “Os Carecas do Subúrbio – Caminhos de um Nomadismo Moderno”.

Lançado pela editora Vozes, o livro, que é uma tese de mestrado, conta, em 232 páginas, todo o histórico do movi-

mento dos Carecas e dos *punks* no Brasil, suas características básicas e formas de organização. Os nomes dos integrantes dos diversos grupos foram omitidos, pois muitos deles são procurados pela polícia. “Todos os grupos são violentos, isto é um fato”, revela Márcia, em entrevista a *cadernos do terceiro mundo*.

Vários grupos – Um dos pontos detectados pela pesquisa da antropóloga é a diversidade ideológica do movimento dos Carecas. Embora usem o mesmo tipo de roupa e também tenham a mes-

Com seu visual exótico incorporando símbolos nazistas, eles fazem parte da fauna urbana



ma forma de manifestação, que é a violência, os Carecas são compostos, hoje, por vários grupos ideológicos. Existem os que se autodefinem como nazistas, há ainda os nacionalistas, mas também atuam no movimento os socialistas e até anarquistas.

"Há uma diversidade muito grande do ponto de vista ideológico. Ao mesmo tempo que existem os White Power (Poder Branco), de inspiração racista, existem também os Carecas Contra o Racismo", informa ela. Esses grupos, que atuam basicamente nas grandes capitais, têm antagonismos profundos e suas diferenças são resolvidas em brigas.

Os Carecas surgiram dentro do movimento *punk*, de inspiração anarquista. No Brasil, os *punks* apareceram no final dos anos 70. Eram adolescentes pobres que se reuniam nas capitais atrás de uma dose qualquer de emoção. Alguns bebiam ou se drogavam, outros queriam apenas se juntar e ouvir o *hardcore*, música com batida rápida e guitarras estridentes, letras sempre gritadas à exaustão, com questionamentos sociais.

A evolução do movimento fez com que a sociedade absorvesse o *punk* facilmente. As butiques passaram a comercializar o estilo: jaquetas, camisas e calças rasgadas, alfinetes na orelha ou pulseiras com pregos e parafusos foram adotados por filhos da classe média.

O comércio irritou alguns de seus adeptos originais, que passaram a criticar os *punks* de butique. Desta forma, apareceram os Carecas, inspirados nos *skinheads* ingleses. Mas o crescimento do grupo logo chamou a atenção de partidos de extrema-direita, que viram um promissor filão de seguidores naqueles rapazes musculosos, com físico moldado em academias de musculação, ávidos por "consertar o mundo".

Nazismo moderno— "A inspiração básica dos Carecas é a idéia de consertar o mundo. Assim, cultuam o físico e partem para uma guerra santa contra tudo o que acham que está deteriorando este mundo", explica Márcia Regina da Costa. O problema é que as batalhas terminam normalmente com gente inocente ferida e até mortes.

A historiadora da Universidade de Tel Aviv, Israel, Dina Porat, em recente

visita ao Brasil, alertou as autoridades ocidentais de que existe uma articulação mundial do extremismo de direita. A seu ver, o neonazismo está, hoje, muito mais articulado do que sua versão original, o nazismo: "O neonazismo é um movimento internacional, com veteranos no comando, muitos dos quais da época de Hitler, especialmente na América Latina, Canadá e Estados Unidos. Eles usam *fix* e outros recursos modernos para divulgar suas idéias, transferem dinheiro de um país para o outro e trocam informações."

A ala nazista dos Carecas brasileiros sabe disto e está integrada a este sistema internacional. De acordo com um agente da Polícia Federal, que prefere não ser identificado, líderes Carecas do Brasil participaram de algumas manifestações pró-nazismo, nos Estados Unidos e Europa no ano passado. "Estamos cadastrando estes líderes em uma ação conjunta com as polícias de outros países", diz ele.

No entanto, para Márcia Regina, o extremismo de direita não é a característica dos Carecas. "Não se pode generalizar isto", frisa ela, que identificou

Carecas checos protestam contra os ciganos nas ruas de Praga

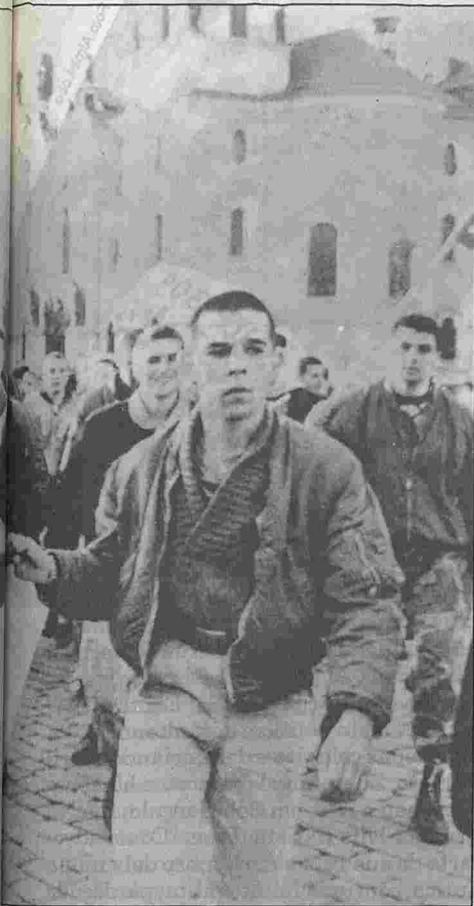


Violência

O cantor, um sujeito magro e com os dentes cariados, começa a contorcer o corpo como em um transe mediúnico. Solta um berro aterrador, xinga a Rainha da Inglaterra e cai em uma gargalhada histérica, vomitando em seguida na platéia em êxtase. Ele é Johnny Rotten (Joãozinho Podre), líder dos Sex Pistols, a primeira banda punk que ganhou fama na Inglaterra em 1976. O conjunto inglês foi dissolvido em 77, após seu baixista, Sid Vicious (Sid Viciado), ter assassinado a pãncada e namorada e morrido de overdose de heroína dias depois, aos 21 anos.

As cenas descritas acima parecem chocantes, mas elas atualmente, não espelham o que é um show *hardcore*, onde se encontram punks e Carecas, ou *skinheads*. Chamados de *gigs*, esses shows, muito mais "pesados" do que os de seus predecessores, os Sex Pistols, são, antes de tudo, uma forma de expressão das tribos urbanas. É a violência inscrita nas letras, na dança e no relacionamento dos integrantes dos vários grupos.

Opróprios nomes dos conjuntos dão uma amostra da proposta: dos Tropa Suicida, Desequilibrado, Fogo Cruzado, Lixo



um grupo do movimento em São Paulo chamado Carecas Contra o Racismo. Esta facção surgiu inspirada no grupo homônimo norte-americano, Skinheads Against Racial Prejudice (Sharp), e é formada por negros e mulatos. Sua proposta é combater os Carecas nazistas.

Contudo, o que mais chamou a atenção das autoridades policiais brasileiras para os Carecas foi a sua facção neonazista. No ano passado, em São Paulo, desencadeou-se um surto de agressões a migrantes nordestinos, com espancamentos e até tentativas de assassinatos. Esta ação, que perdura até hoje, levou a assinatura dos Carecas paulistas, ou, pelo menos, daqueles que integraram a ala neonazista do movimento. Vários deles foram presos e confessaram a ação planejada contra nordestinos, que consideram responsáveis pelo caos social daquela capital.

O que a imprensa não deixou claro, em sua cobertura do fato, é que os agressores dos nordestinos pertenciam à facção White Power dos Carecas, composta, fundamentalmente, por jovens da classe média/alta. Moram em boas

casas e um de seus líderes, hoje procurado pela polícia, estuda História em uma universidade de São Paulo.

Faxina racial — A violência desencadeada pelos Carecas neonazistas brasileiros contra nordestinos é, na realidade, um eco das manifestações dos *skinheads* europeus. Naquele continente, várias ações planejadas contra judeus, negros e mestiços ganharam dimensões preocupantes. Na Alemanha, no dia 30 de agosto último, três *skinheads* neonazistas foram condenados pela Justiça a penas de três anos de prisão por organizarem uma noite de “caça aos negros” em maio passado.

“A situação na Europa está muito difícil. A reorganização da Comunidade Européia provocou uma onda de desemprego, o que favoreceu o fortalecimento de grupos radicais. Para um estrangeiro, andar nas ruas é muito perigoso”, sustenta Fábio Vossfinkel, jornalista brasileiro, filho de alemães, que mora, desde 88, na Alemanha com sua mulher, também brasileira. Fábio afirma que escapou por pouco da fúria dos *skinheads* alemães. “Só me saí porque tenho sobrenome e cara de alemão. Se soubessem que sou brasileiro, estava frito”, conta.

Em seu livro, Márcia Regina analisa a atuação dos Carecas brasileiros e dos *skinheads* como reflexo da violência social, generalizada hoje no mundo. “No fundo, o que nos fascina, nos horroriza no caso dos Carecas, é que eles desejam, mais do que só identificar, encarnar o mal. Eles sabem que, em nossa sociedade, o mal é fonte de realizações, de energia, de poder. Portanto, não é à toa o fascínio pelo nazismo, por Hitler”, escreveu.

O fato é que os Carecas e *skinheads* espelham uma fase da violência deste final de século. Como os famigerados Corpos Livres, da Alemanha pré-nazista (grupos paramilitares que originaram os não menos temíveis SS), eles espalham a violência por onde passam, dentro de uma visão maniqueísta, portanto limitada, da sociedade. Sua lógica é a mesma do personagem Cobra, vivido no cinema por Sylvester Stallone em filme homônimo, diante de um ladrão de supermercados: “Você é a doença e eu sou a cura”, bang-bang-bang! O assaltante morre crivado de balas. ■

e hardcore

nia, Juízo Final, Guerrilha Urbana, Cólera, Setembro Negro.

Uma das características principais dos Carecas, refletida em suas músicas, é a permanente atitude de confronto. Seja com um grupo inimigo ou com pessoas que não estão “ligadas em sua onda”, eles estão sempre prontos a dar o primeiro soco.

Vários conflitos ocorridos em São Paulo tiveram registradas as presenças de Carecas e punks. Foi o caso do comício do 1º de maio de 88, na Praça da Sé, quando um choque entre Carecas, integralistas e membros de

organizações de esquerda levou várias pessoas para o hospital. Em maio de 89, ocorreu outro conflito no mesmo local, quando punks antinazistas atacaram Carecas que comemoravam os 100 anos de nascimento de Hitler.

Apesar dos confrontos, algumas lideranças Carecas e punks tentam mudar a imagem de seus respectivos movimentos, alegando que nem todos os componentes são violentos. Em alguns fanzines, há preocupação em condenar qualquer atitude violenta que ocorra envolvendo membros do movimento.